

**Súmula do Relatório do Grupo de
Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção,
Monitorização e Acompanhamento
dos Efeitos da Seca (CPPMAES)**

Janeiro 2026

Direção de Serviços de Estatística | Divisão de
Estatística | Lisboa | 02 de março de 2026

I. Avaliação Meteorológica

*O mês de janeiro de 2026 em Portugal Continental classificou-se como **quente** em relação à temperatura do ar e **muito chuvoso** em relação à precipitação.*

➤ **Temperatura**

- O valor médio da temperatura média do ar, 9.30°C;
- O valor médio da temperatura máxima do ar, 12.82°C
- O valor mínimo da temperatura mínima do ar, 5.78°C;
- Durante o mês de janeiro verificou-se uma alternância nos valores diários da temperatura do ar em relação ao valor médio mensal, com destaque para as anomalias positivas nos períodos de 2 a 4, 11 a 14 e 25 a 31 e as anomalias negativas nos períodos de 5 a 8 e de 15 a 20 de janeiro. que as anomalias mais significativas foram registadas nos valores da temperatura mínima;

➤ **Precipitação**

- O total de precipitação mensal em novembro foi de 235.0 mm;
- Durante este mês de janeiro destaca-se a **passagem de 5 depressões em Portugal continental** (Francis, Goreti, Ingrid, Joseph e Kristin) assim como, superfícies frontais e linhas de instabilidade, associadas a depressões que se deslocavam a noroeste de Portugal continental.
- De referir o período entre 22 e 28 de janeiro, com a passagem consecutiva de três tempestades, Ingrid, Joseph e Kristin, que originaram vários dias consecutivos com precipitação intensa, por vezes sob forma de aguaceiros fortes e rajadas de vento fortes.

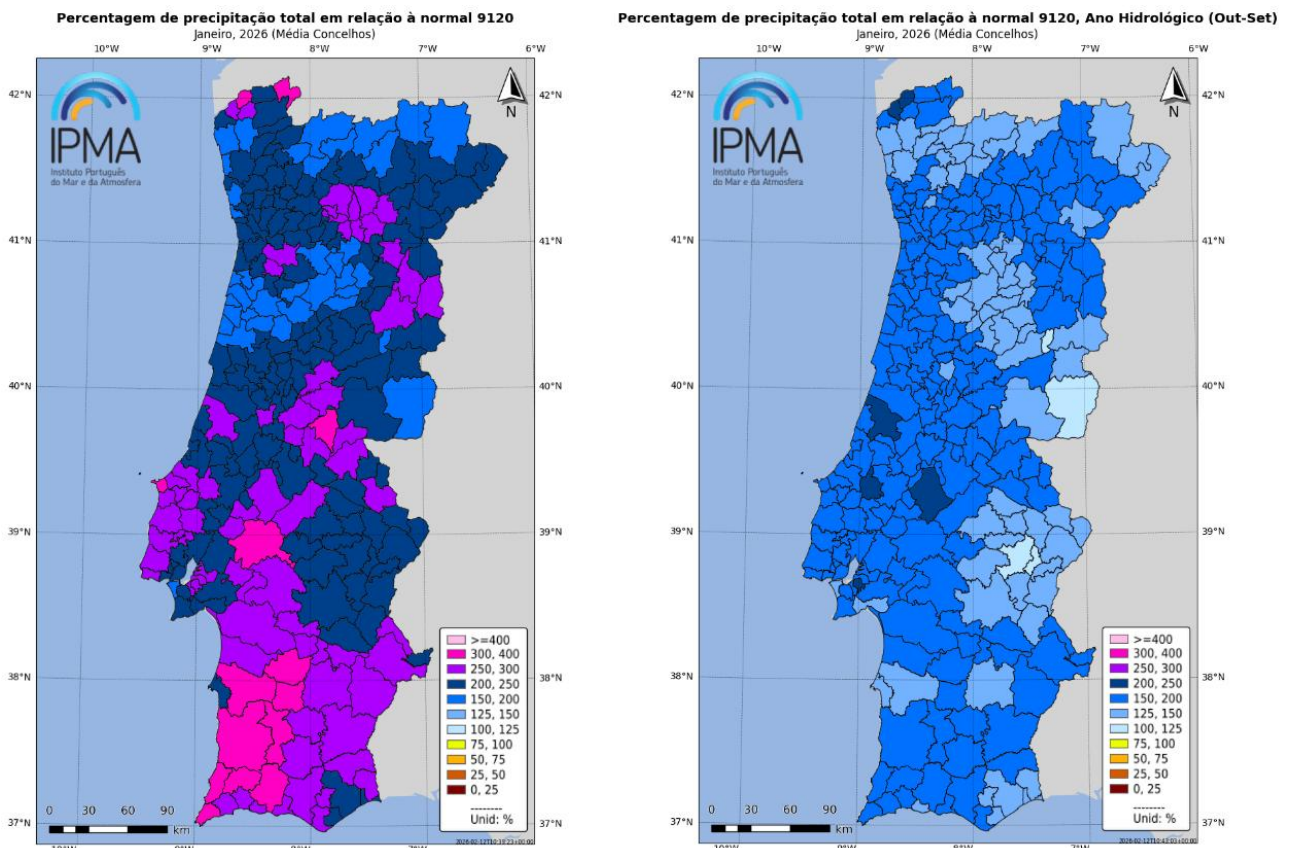


Figura 1 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (médio concelho) em janeiro (esq.) e no ano hidrológico 2025/2026 (dir.) em relação à normal climatológica 1991-2020

II. Seca Meteorológica

- Em termos de distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de janeiro verificava-se:
 - **8.3% na classe de chuva extrema**
 - **61.7% na classe chuva severa**
 - **29.0% na classe chuva moderada**
 - **1.0% na classe de chuva fraca**

Tabela 1 – Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e janeiro de 2026(Fonte:

IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 2 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológico PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de dezembro de 2025 e a 31 de janeiro de 2026.

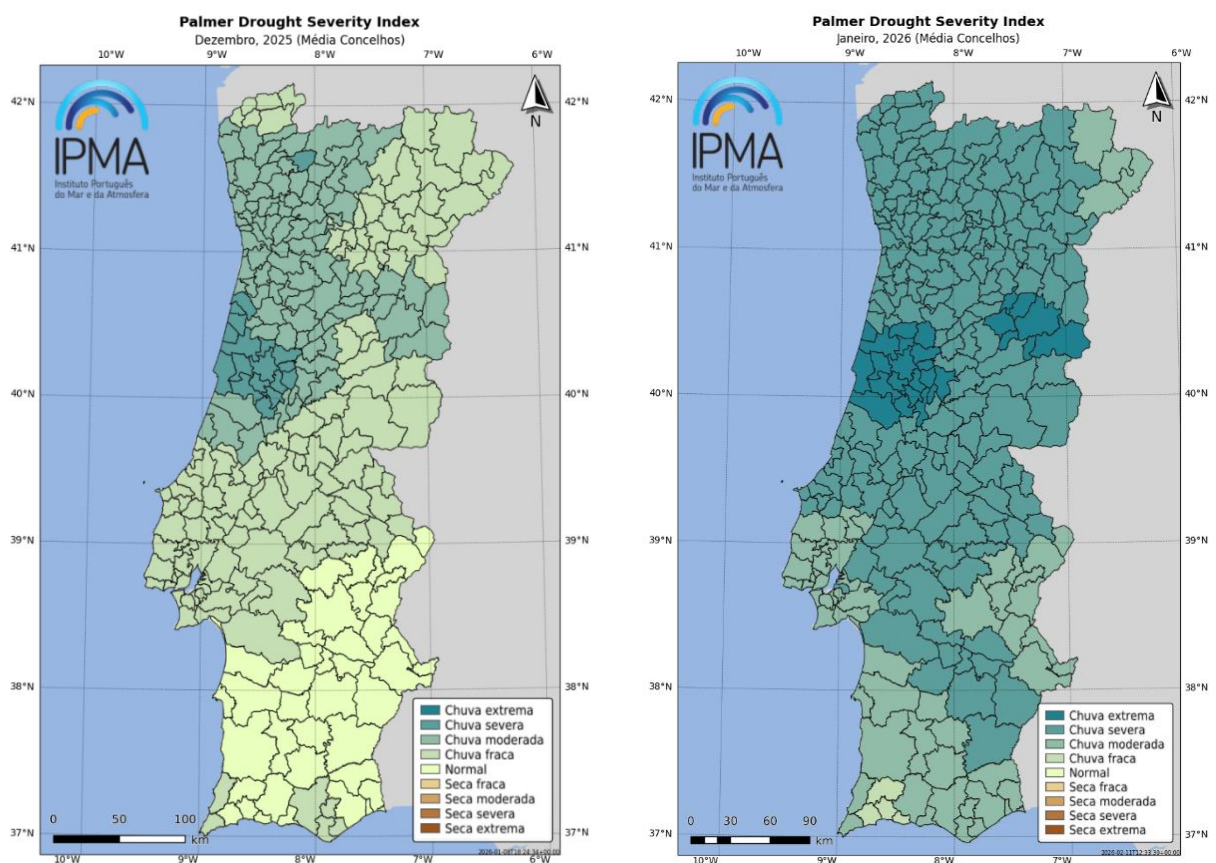


Figura 2 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 31 de dezembro de 2025 a 31 de janeiro de 2026 (Fonte: IPMA)

▪ Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica

De acordo com a experiência adquirida nas secas anteriores definiram-se no PLANO DE PREVENÇÃO, MONITORIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES DE SECA Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

Os dois mais graves são:

Nível A.2 – “Alerta”: Seca Severa

Maior atenção reservada para o setor agrícola de sequeiro e pecuária extensiva onde se deve acompanhar os seus efeitos mais frequentemente, quinzenalmente, através da avaliação do Estado das culturas.

- Índice PDSI: classe de seca severa (-3.00 a -3.99) em 2 meses consecutivos no período de outubro a março.
- Índice SPI 6 meses em seca moderada a severa

Neste nível prevê-se o desencadeamento de medidas restritivas de alguns usos da água e de reforço dos controlos.

Nível A.3 – “Emergência”: Seca Extrema

- Índice PDSI na classe de seca extrema (-4.00 a -4.99)
- Índice SPI 6 meses em seca severa a extrema

Neste nível prevê-se a imposição de medidas restritivas de alguns usos da água. Em caso de evolução negativa poderão ser impostas medidas de carácter excepcional.

- De acordo com o **índice PDSI**¹, em janeiro não existia seca meteorológica em Portugal Continental, estando todos os concelhos nas classes de chuva (moderada a extrema):

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).



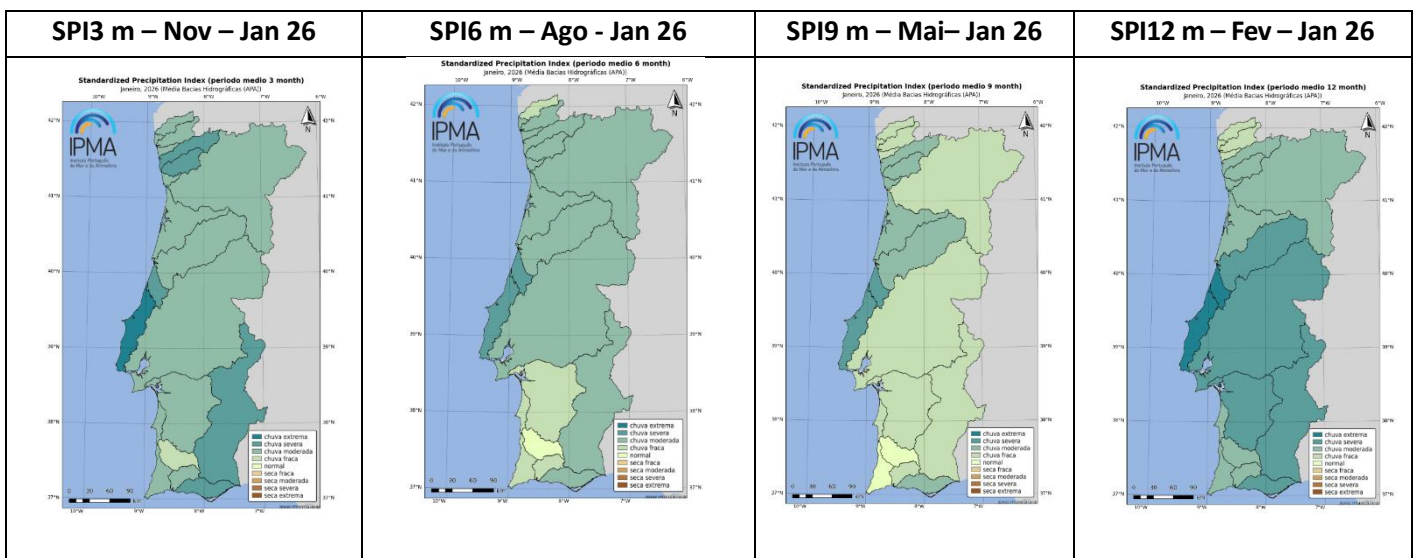
➤ **Índice de seca SPI**

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 3 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos últimos meses, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de janeiro, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas.

Figura 3 – Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro 2026 (Fonte: IPMA)



² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

III. Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁴, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 23/02 a 01/03** – Anomalia positiva: valores acima do normal, para as regiões Norte e Centro (1 a 30 mm).
- **Semana 02/03 a 08/03** – Sem sinal: Não é possível identificar a existência de sinal estatisticamente significativo.

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação superiores ao normal, é expectável que continue a não existir seca meteorológica em Portugal continental.

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

⁴ De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

IV. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

No último dia do mês de Janeiro de 2026 e comparativamente ao último dia do mês anterior verificou-se uma subida no volume armazenado em todas as bacias hidrográficas monitorizadas. Das 60 albufeiras monitorizadas, 53 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não existem albufeiras com disponibilidade inferior a 40% do volume total. Os armazenamentos de Janeiro de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de Janeiro (1990/91 a 2024/25).

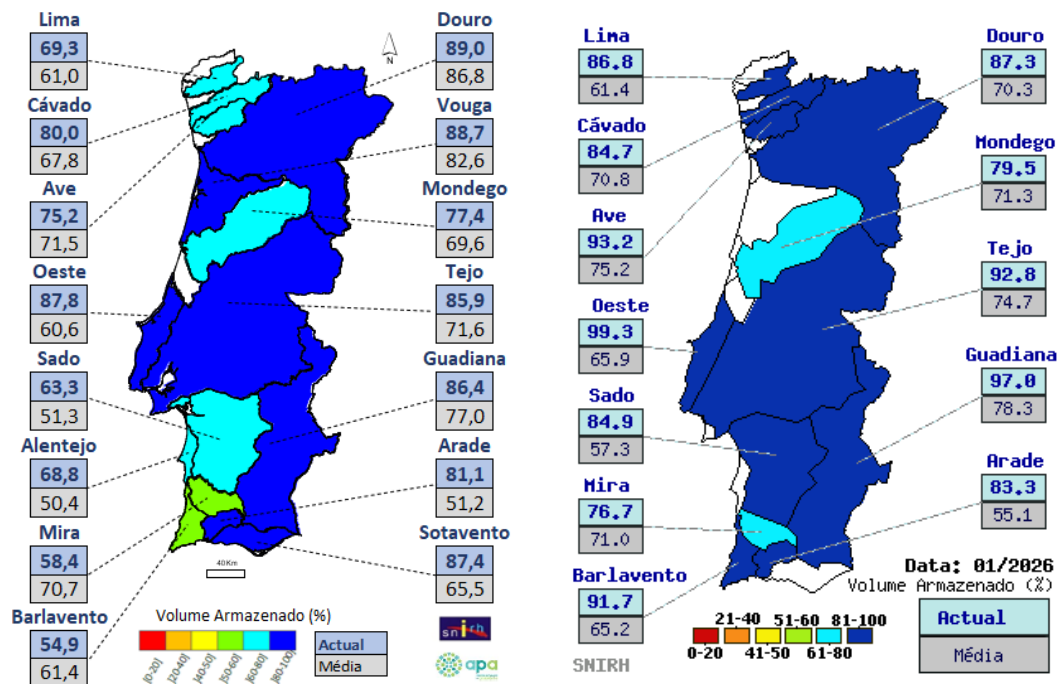


Figura 4 - Situação das albufeiras em dezembro (esquerda) e em janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA)

V. Águas Subterrâneas

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de dezembro e janeiro do ano hidrológico 2025-2026, figura 5.

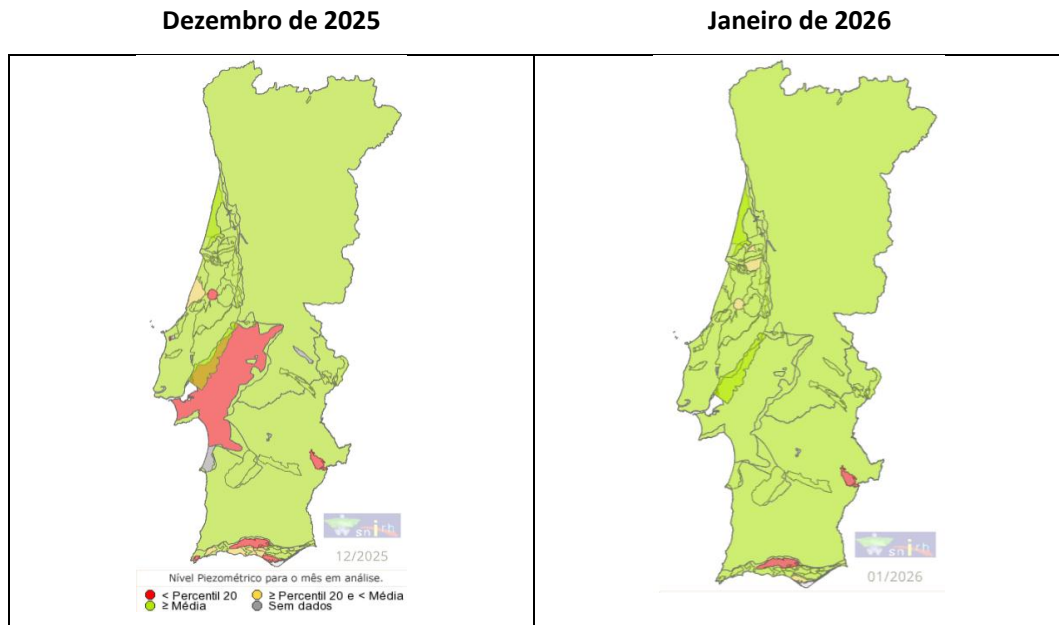


Figura 5- Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre dezembro 2025 (esquerda) e janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Verifica-se, para o mês de janeiro 2026, que os níveis piezométricos em 325 pontos observados em 59 massas de água subterrânea, se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. Nas massas de água A10 - MOURA - FICALHO e M5 - QUERENÇA - SILVES os níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais.

➤ **Apreciação Geral**

Durante o ano hidrológico de 2024-2025 e, tendo em conta a precipitação que ocorreu nos meses de janeiro, março e abril, algumas massas de água subterrânea registaram uma melhoria nos níveis piezométricos, mas verificou-se que, no final do ano hidrológico passado, em algumas delas se começou a observar uma tendência de descida, atendendo a que as extrações se mantêm.

Com o início deste novo ano hidrológico, observa-se, ainda, que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, nunca conseguiram recuperar ou começando a registar indícios de recuperação, não obstante os eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e início do corrente, continuam, contudo, a registar níveis significativamente baixos.

De referir que a **situação mais preocupante se mantém nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos, não obstante haver indícios de recuperação. Em algumas delas, os níveis encontram-se próximo do nível médio da água do mar, ou mesmo inferior, podendo conduzir a situações de intrusão salina.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, mantém-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica atendendo à fraca recuperação dos aquíferos.

VI. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola

➤ Armazenamentos nas Albufeiras hidroagrícolas

Neste mês verificou-se uma tendência de subida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 47 a subir, 2 a descer e 15 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre 1% (Salgueiro) e 51% (Arcossó), as albufeiras de Ribeira Grande e Arco; Magos; Prada; Porcão; Macieira; Pereiras; Alfaiates; Açafal; Magueija; Calde e Carril mantiveram-se em pleno armazenamento. A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -5%(Funcho) e 58% (Campilhas); a descida do volume armazenado nas albufeiras do Funcho e de Odelouca deveu-se a descargas preventivas, também a sul as albufeiras de Corte Brique; Malhada do Peres e Pessegueiro mantiveram-se em pleno armazenamento.

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas



nas regiões de Portugal continental, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

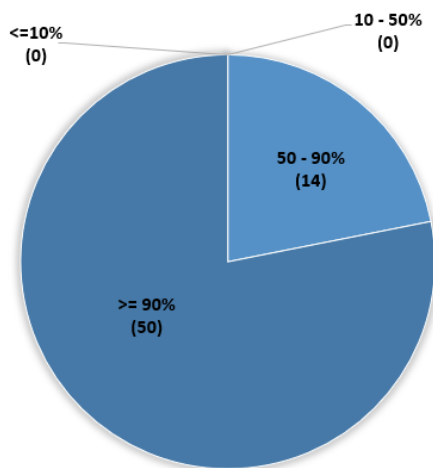


Figura 6- Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório (Fonte: DGADR)

Para mais detalhe ver o boletim de Reservas Hídricas e Regadio:

<https://sir.dqadr.gov.pt/outras/reserva-de-agua-nas-albufeiras>

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Aguieira.

VII. Agricultura e Pecuária

- **Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado**

A persistência da precipitação nas últimas semanas de janeiro continuou a atrasar as sementeiras e não beneficiou as searas semeadas.



Os campos apresentavam-se saturados de água e nos locais mais baixos as culturas encontram-se submersas. Nos últimos dias do mês de janeiro, a passagem da tempestade *Kristin* afetou muito as culturas, algumas poderão mesmo estar perdidas por efeito do encharcamento do solo. Sendo que, ainda não foi possível contabilizar a repercussão da intempérie na produtividade das espécies cerealíferas afetadas.

Um pouco por todo o país, os cereais praganosos apresentavam um fraco desenvolvimento vegetativo, associado à sementeira tardia e ao excesso de humidade no solo. Quando comparado com igual período do ano anterior, constata-se que nessa altura as plantas já revestiam os solos.

No geral, prevê-se uma redução das áreas semeadas de cereais praganosos e uma redução do potencial produtivo das culturas, podendo refletir-se numa diminuição muito acentuada dos rendimentos finais da campanha.

➤ **Prados, pastagens permanentes e forragens:**

A continuação das condições de precipitação ao longo de todo o mês de janeiro não permitiu o aumento da área semeada de pastagens, nem de culturas forrageiras, iniciadas entre outubro/novembro. Tendo em conta a previsão de continuação e até agravamento do nível de precipitação, prevê-se que esse atraso persista, comprometendo a realização da operação, especialmente em parcelas de cotas mais baixas.

Os prados, pastagens e culturas forrageiras, de forma generalizada, encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo muito estagnado, praticamente sem evolução face ao mês anterior, em consequência do encharcamento prolongado dos solos.

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal foi limitada devido ao alagamento excessivo dos solos, sendo predominantemente assegurada por silagens, fenos, e complementados com rações industriais e alguns suplementos vitamínicos.

➤ **Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.**

Citrinos

Na região do Algarve, as condições meteorológicas têm trazido prejuízos para os citrinos. A precipitação ocorrida impediu a colheita de uma forma regular e generalizada, pelo que no próximo mês será mais bem avaliada a produção.



➤ **Culturas arbóreas e arbustivas - olival:**

Olival

A campanha da azeitona para azeite ficou concluída e os olivais entraram em repouso vegetativo. Os agricultores iniciaram às podas, embora com bastante dificuldade devido à precipitação frequente. Com o vento forte causado pela passagem da depressão *Kristin* verificou-se alguma queda de oliveiras, nomeadamente na região Centro e no Oeste.

A campanha em termos quantitativos foi significativamente heterógena em todo o território. Sendo que melhor na sub-região Entre Douro e Minho, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve, com uma qualidade do azeite produzido boa e um rendimento superior. Enquanto nos Trans-os-Monte e Alentejo houve um decréscimo na produção de azeite, comparativamente ao ano anterior.

➤ **Abeberamento do gado:**

No mês de janeiro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

